

O imprinting e a linguagem

Texto retirado do livro *Pensamento Complexo*

Humberto Mariotti¹

Se, ao se referir, seja ao que for, alguém faz continuamente a pergunta: “O que isso tem a ver comigo, com minha vida e meu trabalho?”, essa insistência em geral mostra que ele está muito condicionado pelo pensamento linear-binário. Tal condição está ligada à dificuldade de ampliar a percepção e perceber “o que está por trás”. Em grande medida, ela varia segundo a capacidade de resistência ao imprinting.

Essa expressão foi primeiramente utilizada por Konrad Lorenz, o pai da etologia, para designar a marca indelével deixada nos animais recém-nascidos por suas primeiras experiências. Morin a usa em relação aos humanos e sustenta que entre nós o imprinting é inicialmente imposto pela família, depois pela cultura da sociedade e continua na vida adulta: “[O imprinting] inscreve-se no cérebro desde a primeira infância, pela estabilização seletiva de sinapses, inscrições primeiras que marcarão irreversivelmente a mente individual em seu modo de conhecer e agir.”

O imprinting inicial é reforçado pela aprendizagem e dessa maneira elimina todos os demais métodos, conhecimentos e modos de pensar e agir. Portanto, claro está que em nossa cultura ele é basicamente determinado pela lógica binária. Como diz Morin, as crenças e as ideias não são apenas produções de nossa mente: são também “seres” mentais, que têm vida própria e o poder de possuir-nos. A seu ver, o imprinting é seguido por uma normalização. Esta, por sua vez, reprime tudo aquilo que tenta contestar normas, verdades, “certezas” e tabus da sociedade. A combinação entre o imprinting e a normalização resulta no conformismo cognitivo. O imprinting e a normalização se reproduzem geração após geração.

Quando falo em condicionamento pelo pensamento linear-binário, não o aponto como uma condição absoluta, mas como uma circunstância que nos leva a uma inclinação, a uma tendência. Mas não devemos esquecer que a cada inclinação corresponde uma contra-inclinação, que a cada cultura corresponde uma contracultura, que a cada tendência corresponde uma contratendência.

É claro que, conforme o nosso grau de condicionamento, tendemos a nos fixar em certos referenciais. Por isso, é importante esclarecer que muito antes de se falar em globalização, tentativas de homogeneização cultural, “pensamento único” e coisas do estilo, nós, humanos, já estávamos profundamente inclinados a buscar a repetição e a fugir da diferença, e essa condição, é óbvio, gera a padronização.

O imprinting é claramente baseado nesse mecanismo, e nele a linguagem desempenha um papel fundamental. Isso significa que ela muitas vezes impede que tenhamos acesso a nossas experiências, as quais poderiam nos levar a ver a nós mesmos, os outros e o mundo de novas maneiras, que, por sua vez, nos levariam a reformular nossa linguagem. Se essa reformulação ocorresse, o círculo vicioso poderia ser interrompido. Assim, se não modificarmos nosso modo de empregar a linguagem (o que, por seu turno, exige mudança nos modos de sentir e pensar), nossas narrativas sobre como existimos no mundo continuarão sempre as mesmas. “O mundo continuará desumano, se não for continuamente comentado pelos seres humanos”, escreveu Hannah Arendt.

Seres humanos com estrutura mental modificada podem construir um mundo diferente. O mundo que construímos com a linguagem balizada pelo imprinting do modelo mental binário tende a nos tornar cada dia menos humanos. Quando falou em “desencantamento do mundo”, Max Weber se referiu exatamente a isso. Trata-se da escalada da doença do pensamento, de que fala David Bohm. Se continuarmos a sentir, pensar e falar da mesma maneira, tudo isso refluirá sobre nós e fará com que construamos nosso mundo sempre da mesma forma.

¹ Médico psicoterapeuta, coordenador do Grupo de Estudos de Complexidade e Pensamento Sistêmico da Associação Palas Athena (SP). www.geocities.com/pluriversu

Contudo, não há sentido em pretender mudar a linguagem sem mudar a estrutura que a produz. As línguas do tronco indo-europeu têm uma sintaxe linear – sujeito, verbo e complemento –, que se opõe à sintaxe analógico-visual dos ideogramas do chinês, por exemplo. As línguas do tronco indo-europeu foram desenvolvidas para expressar a presença de um sujeito que, com a pretensão de ser um observador não participante do processo que observa, quer explicá-lo “objetivamente”. Não se trata de uma linguagem feita para expressar diálogo sujeito-objeto, mas para garantir que a existência e as características do objeto sejam reduzidas às peculiaridades e à conveniência do sujeito. Dizemos: alguém fez isso ou aquilo. E logo vem a pergunta: quem fez isso ou aquilo? Quem foi o sujeito da ação e da frase que a descreve? Nossa linguagem só fala de um sujeito que se dirige a um objeto, que se relaciona com um objeto. Não é capaz de expressar o diálogo sujeito-objeto, isto é, a participação do observador nos fenômenos que ele observa por meio da inserção, nesse diálogo, de sua subjetividade e de seus sentimentos e emoções.

Portanto, nossa linguagem não tem a capacidade de expressar o diálogo entre o sujeito e o objeto, o observador e o observado. Ela só consegue falar de um sujeito que se dirige a um objeto, de um movimento unidirecional. Não é capaz de expressar a circularidade, a interação, a participação do observador no fenômeno que observa; pois isso exige que tal observador inclua nessa relação seus sentimentos, emoções e subjetividade.

Morin observa que nossa mente é ao mesmo tempo o centro da submissão e da liberdade. Na primeira hipótese, as causas são a hereditariedade e a herança cultural, isto é, os imprintings que delas recebemos. No segundo caso, a liberdade surge porque algumas pessoas conseguem, com graus variáveis de sucesso, questionar os elementos que levam ao imprinting. São os indivíduos resistentes a esse fenômeno, que, em geral, têm mais facilidade para pensar de modo integrador.

O pensamento complexo ajuda a ampliar a resistência ao imprinting e esta, por sua vez, abre ainda mais as portas ao pensamento complexo. A capacidade de resistir ao imprinting reforça uma conclusão fundamental: a de que liberdade é, em essência, a liberdade de pensamento. Morin aponta algumas circunstâncias que ajudam a libertar a mente e que, portanto, auxiliam a desenvolver o pensamento integrador: (a) capacidade de auto-aprendizagem; (b) capacidade de questionamento; (c) capacidade de desenvolver estratégias de conhecimento; (d) capacidade de detectar e evitar erros; (e) capacidade criadora e inovadora; (f) capacidade de autoquestionamento, de incluir-se em suas próprias reflexões, de autoconhecer-se e autojulgar-se; (g) consciência moral. Essas características têm dupla utilidade: identificam as pessoas resistentes ao imprinting (isto é, as pessoas integradoras) e apontam as principais habilidades que elas precisam aperfeiçoar para aumentar essa resistência.

É óbvio que tal aperfeiçoamento não visa a transformá-las em indivíduos “iluminados” ou dotados de supostos “poderes especiais”, mesmo porque o pensamento integrador busca melhorar a percepção, o aprendizado e a autonomia das pessoas e faz parte desse esforço identificar os charlatanismos e denunciá-los. Trata-se, portanto, de pensar tudo de novo. Mas pensar diferente, sair do padrão habitual.

A pouca ou nenhuma resistência ao imprinting leva ao aprofundamento dos condicionamentos, à alienação, à submissão e à perda da criatividade. É, assim, uma condição limitante. Por outro lado, uma postura de resistência radical ao imprinting pode se associar a comportamentos antissociais, o que também limita a liberdade e a criatividade. Em outras palavras, a aderência excessiva ao imprinting produz rigidez e esclerose. A resistência radical a ele leva à desordem e à desintegração.

Questionar a linearidade e a binariedade de nossa linguagem escrita e falada: essa foi a conquista suprema de alguns dos grandes autores da literatura de ficção, como James Joyce, Shakespeare e Kafka. A grande literatura mostra que, mesmo com a utilização de uma linguagem linear como a dos idiomas do tronco indo-europeu, é possível expressar a subjetividade, os sentimentos e as emoções. De certa maneira, a literatura das línguas desse tronco contraria a ideia de que nossa linguagem está limitada a seus usos operacionais/instrumentais. Ela consegue veicular também a subjetividade, os sentimentos e as emoções, apesar de sua estrutura ser pouco adequada para esse

fim.

A literatura faz isso desde sempre, o que contraria a ideia de que a linguagem deve confinar-se à aridez de seus usos operacionais/instrumentais. Trata-se, pois, de uma realização extraordinária: veicular o subjetivo e o emocional por meio de um instrumento pouco adequado para essa função. Tal conquista é obviamente muito antiga. Tão antiga quanto o nosso condicionamento, o qual muitas vezes faz com que a maioria das pessoas veja a literatura apenas como entretenimento, e não como um meio de autoconhecimento e conhecimento de mundo. Essa função é também desempenhada pela palavra falada, por meio das artes populares e das tradições orais.

Para Félix Guattari, as “melhores psicanálises” foram feitas por escritores, poetas e dramaturgos como Joyce, Proust, Goethe, Antonin Artaud e Samuel Beckett. Esqueceu-se de mencionar Shakespeare, considerado por muitos (o crítico literário Harold Bloom, por exemplo) como talvez o mais arguto dos conhecedores da mente e do comportamento humanos – e um dos precursores da psicanálise. Segundo Bloom, nas peças shakespearianas se encontram as bases de não poucos dos *insights* de Freud.

Em relação ao mundo corporativo, é importante destacar alguns pontos. Stephen Denning tem um importante estudo sobre o uso da técnica de narrativas nas empresas, em especial no que se refere à liderança. Paul Corrigan publicou um interessante estudo sobre as peças de Shakespeare e o *management*, no qual destaca temas relacionados à liderança. Também merece menção a iniciativa de Jim Fisher, professor da Rotman School of Management, da Universidade de Toronto, que há tempos trabalha em sala de aula as peças de Shakespeare como *cases* organizacionais. “Leia qualquer uma das peças de Shakespeare”, diz Fisher, “transporte-as para uma empresa moderna e verá que ele teve mais insights do que quase todo mundo sobre as motivações humanas”. Para ele, a própria essência da liderança é revelada na peça Henrique V. E outra peça, Macbeth, trata o tempo inteiro de política organizacional: mostra com clareza o empenho do vice-presidente executivo em tirar o emprego do presidente – e toda a trama concebida e praticada para conseguir isso.

Eis por que dou destaque à literatura, em suas diversas manifestações, como um dos bons meios de construir pontes entre a tecnociência e o conhecimento humanista. Se a palavra já habita esses dois domínios – embora em um e no outro seja usada de modos diferentes –, ela é o meio natural para atenuar essas diferenças e diminuir esse distanciamento.